

Circo e a extensão universitária: ensinar e aprender

Circus and university extension: teach and learn

*Saara Tyszka¹**Glaucia Andreza Kronbauer²*

Resumo: A extensão universitária proporciona a troca de valores entre a comunidade acadêmica e a sociedade, em uma via de mão dupla. Aqui, objetivamos discutir a extensão como espaço de produção, partilha e troca de saberes, como agente potencializador da formação e humanização de discentes. Narrando, assim, experiências e percursos de estudantes universitários extensionistas, a partir da participação como monitores no projeto de extensão “Circo em Contextos”. De natureza qualitativa, optamos pela elaboração de um estudo descritivo, realizado, partindo de entrevistas com monitores que atuaram no projeto Circo em Contextos da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO). Observamos que as práticas corporais circenses, pautadas na experimentação e segurança, subsidiaram também a formação cultural dos indivíduos. Tendo como ponto de partida a experimentação das práticas corporais circenses, a existência individual, materializada no corpo, se torna uma tela em branco que acolhe as mais diversas formas de ser gente. As experiências do projeto contribuíram para a formação de profissionais qualificados, de seres humanos sensíveis; ampliando, dessa forma, a compreensão e o respeito às diversidades. As motivações pessoais dos monitores, aliadas aos interesses extracurriculares, proporcionam uma relação de benefício mútuo entre agentes universitários e não universitários. Este estudo evidenciou o tamanho potencial que um projeto de extensão pode ter; impactando na formação pessoal e acadêmica dos monitores, assim como na qualidade de vida da comunidade envolvida. As práticas extensionistas, por estarem atreladas à realidade social de cada região, são essencialmente singulares e particulares. Acreditamos que, ao compartilhar reflexões decorrentes delas, podemos fomentar ações e instigar estudos que discutam o impacto da extensão na formação universitária e seus benefícios perante a sociedade. E, desse modo, esclarecer sua importância e suscitar maior reconhecimento da extensão como espaço de produção e democratização de conhecimento.

Palavras-chave: extensão universitária; corpo; circo; educação.

Abstract: The university extension provides the exchange of values between the academic community and society, in a two-way street. Here, we aim to discuss extension as a space for the production, sharing and exchange of knowledge, as a potentializing agent for the training and humanization of students, narrating experiences and paths of university extension students, from the participation as monitors in the extension project “Circo em Contextos”. Of a qualitative nature, we opted for the elaboration of a descriptive study, carried out from interviews with monitors who worked

1 Acadêmica do curso de Fonoaudiologia na Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro - PR). Integrante do grupo de estudo e pesquisa “Educação, Cultura e Contemporaneidade” da mesma instituição. Atua na linha de pesquisa “Educação do corpo, arte e história”, sendo extensionista no projeto “Artes do Corpo e Educação”. E-mail: saaratyszka13@gmail.com

2 Professora Adjunta do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, Paraná. Possui graduação em Educação Física pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2005), Mestrado em Ciência do Movimento Humano na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009) e Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná (2016). Integra o Grupo de Pesquisa História, Sociedade e Educação (HISTEDBR/UEPG) e o Grupo de Estudos e Pesquisa Educação, Cultura e Contemporaneidade (UNICENTRO). Coordena o Circo em Contextos.

in the Circo em Contexto project at the Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (UNICENTRO). We observed that circus body practices, based on experimentation and safety, also subsidized the cultural formation of individuals. From the experimentation of circus body practices, individual existence, materialized in the body, becomes a blank canvas that welcomes the most diverse ways of being people. The project's experiences contributed to the formation of qualified professionals, to be sensitive human beings, expanding understanding and respect for diversities. The monitors' personal motivations, combined with extracurricular interests, provide a relationship of mutual benefit between university and non-university agents. This study highlighted the potential size that an extension project can have, impacting the personal and academic training of monitors, as well as the quality of life of the community involved. Extension practices, as they are linked to the social reality of each region, are essentially singular and particular. We believe that, by sharing reflections resulting from them, we can encourage actions and instigate studies that discuss the impact of extension on university education and its benefits to society. And, in this way, clarify its importance and promote greater recognition of extension as a space for the production and democratization of knowledge.

Keywords: Extension; Body; Circus; Education.

Introdução

A linguagem circense congrega uma diversidade de expressões artísticas, se manifesta em diferentes tempos e espaços da história da humanidade e tem no corpo seu principal artista. Esse corpo, como materialização da existência humana, carrega em si símbolos contraditórios: ora sublime, ora grotesco, mas sempre espetacular (BOLOGNESI, 2001). Com profunda capacidade de adaptação, “é preciso pensar o circo a partir de épocas e sociedades concretas, nas quais estabelecem relações específicas com tradições, valores, hábitos e manifestações culturais” (SILVA, 2003, p. 1), ou seja, é preciso analisá-lo perante os diferentes contextos e condicionantes históricos em que ele se manifesta.

Há algum tempo, essas práticas têm conquistado certa atenção da comunidade acadêmica, principalmente em função do surgimento das escolas de circo, que possibilitaram que outras pessoas tivessem acesso aos conhecimentos do povo desse campo artístico (KRONBAUER, 2016). Cabe mencionar que as novas regulamentações para a educação básica também incluem modalidades circenses entre seus objetos de ensino na Arte e na Educação Física (BRASIL, 2018).

Ampliam-se, ainda que lentamente, os projetos de pesquisa que tematizam o circo; e algumas universidades oferecem esse conteúdo nos cursos de graduação, sobretudo na área da Educação Física (TUCUNDUVA; BORTOLETO, 2019; MIRANDA; BORTOLETO, 2018). Em especial, a extensão universitária tem se apresentado como importante espaço de desenvolvimento das práticas corporais circenses, pois alia a oferta de um espaço qualificado — para que a comunidade tenha acesso a essas experiências — à produção de conhecimento acadêmico-científico sobre o tema.

A extensão universitária proporciona a troca de valores entre a comunidade acadêmica e a sociedade, em uma via de mão dupla. No Brasil, somente a partir da década de 1980, em um contexto de instabilidade econômica, de busca por redemocratização, do movimento cívico Diretas Já e o fim do regime militar, Reforma Sanitária, promulgação da Constituição de 1988, entre outros acontecimentos, é que houve o entendimento da necessidade de mudanças na dinâmica das universidades. Começou-se a delinear a ampliação da dimensão acadêmica, aproximando a sociedade da universidade; tendo como ponto de partida a compreensão de que a extensão é um processo dinâmico de construção coletiva, com

potencial de transformar realidades (LEONÍDIO, 2017).

O mesmo autor explana que, com o surgimento do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) em 1987, foram definidas as diretrizes para a Extensão Universitária. Entre elas estão: Interação Dialógica, Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, Impacto na formação do estudante e Impacto e transformação social.

Em 2012, o FORPROEX publicou a Política Nacional de Extensão Universitária. Esse documento teve como intuito continuar a fortalecer a extensão, ampliando seus objetivos em razão da necessidade do enfrentamento de novos desafios e o aproveitamento de novas oportunidades. Neste sentido, um de seus principais propósitos foi reafirmar a extensão universitária como necessária em função das novas questões que emergem a cada ano. Logo, a universidade tem superado o senso comum de “espaço de produção de conhecimento” para espaço onde os problemas sociais do Brasil podem ser discutidos e quiçá solucionados ou amenizados (FORPROEX, 2012, p. 5).

Assim sendo, a Política Nacional de Extensão Universitária apresentou diretrizes com potencial transformador da universidade pública brasileira, “de forma a torná-la um instrumento de mudança social em direção à justiça, à solidariedade e à democracia” (FORPROEX, 2012, p. 4). Mais de 30 anos depois do surgimento do FORPROEX, em dezembro de 2018, a Resolução nº 7-CNE/CES aprovou as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, que assim dispõem:

Art. 3º A Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa.

Esse documento destaca o compromisso social das universidades com a comunidade e o comprometimento da extensão com o “enfrentamento de questões da sociedade brasileira, inclusive por meio do desenvolvimento social, econômico e cultural” (BRASIL, 2018, p. 2), que dialoga com a missão da UNICENTRO:

Propiciar a produção, a guarda, o acesso e a disseminação do conhecimento científico, da cultura, da arte, da tecnologia e da inovação, formando pessoas eticamente responsáveis e profissionalmente qualificadas para a atuação e a transformação do contexto socioeconômico e político em que atuam e contribuindo para o desenvolvimento regional (UNICENTRO, 2022).

A indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão no ensino superior, princípio basilar das universidades e presente naquelas diretrizes (BRASIL, 2018), vem proporcionando o estreitamento entre as esferas, que resulta na qualificação do processo formativo dos estudantes. Assim, torna-se viável a partilha de saberes entre os atores envolvidos, a elaboração de ações teoricamente fundamentadas, a produção e a difusão de novos conhecimentos, a partir da problematização da realidade e da partilha com a comunidade. Ou seja, o ensino fornece a sustentação teórica para a pesquisa e a extensão; a pesquisa alimenta o ensino e a extensão com novos conhecimentos; e a extensão constitui o espaço em que se reconhecem as demandas e em que se democratiza o conhecimento produzido.

Por isso, analisar a formação qualificada de estudantes pressupõe reconhecer as contribuições da extensão universitária. A Resolução nº 7-CNE/CES tem entre seus princípios “II - a formação cidadã dos estudantes, marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos, que, de modo interprofissional

e interdisciplinar, seja valorizada e integrada à matriz curricular” (BRASIL, 2018, p. 2). Neste sentido, Coelho (2014) relata que as ações extensionistas proporcionam impactos positivos em diferentes esferas da formação humana: a) profissional; b) afetivos-comportamentais; c) cívicas e políticas; e d) intelectuais.

Podemos, portanto, atribuir uma dimensão pedagógica à extensão. No caso específico das práticas corporais circenses, diversos trabalhos têm apresentado importantes contribuições dos projetos de extensão na formação de estudantes e nas oportunidades de experiências corporais artísticas para a comunidade. O texto de Ontañón e colaboradores (2016), por exemplo, trata da formação acadêmica via extensão e atesta que o projeto tem fomentado o debate sobre a educação artístico-corporal, estimulando a criatividade, a expressividade e ludicidade, tanto entre os participantes do projeto, como entre os estudantes que atuam como monitores. Santos Rodrigues e colaboradores (2020), assim como Trevizan, Chagas e Kronbauer (2018) também trazem resultados expressivos que retratam a diversificação das oportunidades formativas em circo, possibilitadas pela extensão universitária.

Isto posto, temos como objetivo analisar as contribuições de um projeto de extensão na formação de estudantes de graduação que atuaram como monitores de oficinas de práticas corporais circenses. Tem como embasamento a teoria histórico-cultural que reconhece a participação ativa dos sujeitos (monitores e crianças participantes do projeto) nos processos formativos (VIGOTSKI, 2001; 2007). O cenário desta pesquisa é o “Circo em Contextos”, projeto desenvolvido junto ao Departamento de Educação Física da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO (PR). Acreditamos, também, que este trabalho possa fortalecer a extensão universitária como espaço de produção e democratização de conhecimentos acadêmico-científicos, por meio da interação dialógica com a realidade social.

Métodos

Este artigo resulta do desdobramento de um projeto de Iniciação Científica³, em que o objetivo principal foi descrever e analisar as estratégias de comunicação não verbal de crianças participantes de oficinas de práticas corporais circenses em um projeto de extensão, por meio de entrevistas com os monitores desse projeto. Ao analisarmos o conteúdo das entrevistas, para além das informações relativas ao objeto daquela pesquisa, nos deparamos com um material relevante sobre os impactos do projeto na formação dos entrevistados. Diante da iminência dos estudos relativos à extensão universitária, e que suas diretrizes apontam para a formação cidadã e integral dos estudantes e a articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão (Brasil, 2018), entendemos ser providencial a partilha desses resultados. Por isso, neste espaço trataremos um recorte da pesquisa, com ênfase na trajetória de estudantes monitores de um projeto de extensão.

De natureza qualitativa, optamos pela elaboração de um estudo descritivo, realizado a partir de entrevistas com monitores que atuaram no projeto Circo em Contextos no ano de 2019. Os participantes da pesquisa auxiliavam no planejamento e execução das oficinas do projeto Circo em Contextos. Eram realizadas reuniões semanais para elaboração dos planos de aula para os encontros, discussões de atividades e elaboração de materiais. Durante as oficinas, os monitores se revezavam entre explicar as propostas do dia e auxiliar as crianças durante as atividades. Como critério para a pesquisa, foi considerado o tempo

3 Os resultados da Iniciação Científica podem ser conferidos no artigo “Corpos que falam: comunicação não verbal em crianças participantes de oficinas de circo”, publicado na Revista Conexão UEPG, Ponta Grossa, Paraná — Brasil. v. 18, e 2220632, p. 1–18, 2022. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/20632>>.

mínimo de seis meses de atuação. Esta pesquisa contou com a participação de quatro estudantes do curso de Educação Física (dois homens e duas mulheres) e um estudante (homem) do curso de História. Estes se encontravam entre o segundo e o quarto ano da graduação. Além desses participantes, o estudo contou com uma professora licenciada em Educação Física — que atuou como bolsista no projeto. Os participantes encontravam-se na faixa etária entre 19 e 31 anos.

Devido ao contexto pandêmico no período referente à coleta de dados, as entrevistas aconteceram por meio de plataformas digitais como WhatsApp® ou Google Meet®. Agendamos reuniões pelo ambiente virtual, segundo a preferência dos participantes, considerando a viabilidade de acesso deles. Nos primeiros minutos das entrevistas, solicitamos autorização dos entrevistados para a gravação, bem como o consentimento em participar da pesquisa, informando-lhes a total liberdade de sua desistência em qualquer momento, mesmo depois de ter iniciada a entrevista, sem que isso incorresse em prejuízos a eles. Lembramos, também, os aspectos éticos de sigilo da identificação pessoal para cada participante. Além disso, as pesquisadoras asseguraram responsabilidade sobre eventual necessidade de assistência, caso eles se sentissem prejudicados em decorrência da pesquisa, sendo essa de caráter integral, gratuita e imediata. Atribuímos nomes fictícios às crianças e demais participantes citados, a fim de preservar suas identidades. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO) sob o número do CAAE 40137420.8.0000.8967.

As entrevistas ocorreram de forma espontânea — uma conversa informal para compartilhar experiências. Utilizamos duas questões para nortear os diálogos: 1. percepções diante das crianças; 2. percepções diante do projeto. As entrevistas foram transcritas para posterior análise, por meio de análise do conteúdo baseada na orientação descrita por Gomes (2010). A partir das recorrências que emergiram das entrevistas, foi possível organizar nossos resultados em duas categorias: a primeira, intitulada “os corpos-crianças”, diz respeito ao ensino das práticas circenses para as crianças na visão dos monitores, e encontra respaldo em autores que analisam os processos de educação dos corpos na perspectiva da arte; a segunda, intitulada “ensinar e aprender”, apresenta com maior ênfase a ampliação das oportunidades e das experiências formativas, e dialoga com os princípios da extensão universitária no ensino superior. Ambas as categorias se embasam na teoria histórico-cultural, uma vez que esta é a principal fundamentação para as ações do Circo em Contextos.

Circo em contextos e os cenários da pesquisa

O Circo em Contextos é um Projeto de Extensão vinculado ao Departamento de Educação Física do *Campus* Irati da UNICENTRO. Ocorre desde o ano de 2011, em vários formatos. O projeto tem cunho social e proporciona um campo rico de interação com a comunidade; conseqüentemente, abre espaço para o desenvolvimento de pesquisas em diálogo com a realidade social. O projeto tem entre os objetivos: oportunizar espaço de experiências com as práticas corporais circenses para a comunidade de Irati e região promoverem a integração teoria-prática para acadêmicos da UNICENTRO (TREVIZAN, CHAGAS E KRONBAUER, 2018).

No ano de 2019, o Circo em Contextos estabeleceu-se como um laboratório para o exercício da docência das práticas corporais artísticas e, em especial, circenses, em parceria com o “Projeto de Capacitação Docente: manifestações artísticas do movimento como conteúdo da Educação Física na escola”,

que foi financiado pelo Programa Universidade Sem Fronteiras (USF), da Superintendência de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná (SETI PR). Contou com recursos para bolsas de estudantes e de uma professora recém-formada, e para a compra de materiais e equipamentos.

Foram oferecidas oficinas de práticas corporais circenses para crianças da região de Irati. Elas ocorreram em dois modelos.

No primeiro, as oficinas permanentes, as crianças se deslocavam semanalmente até a universidade para participar das atividades, com duração de uma hora. Ao longo do ano de 2019, foram atendidas cerca de 90 crianças em idade escolar, de 4 a 13 anos. No final do período letivo, como atividade de encerramento, os responsáveis foram convidados a participar de uma oficina em que as crianças se tornaram professores, mostrando e ensinando o que aprenderam.

No segundo modelo, ocorreram as oficinas isoladas, em várias edições. Neste espaço, o projeto recebia pontualmente grupos de escolas na universidade, conforme agendamento. As oficinas neste modelo duravam cerca de 2 horas e 30 minutos, e atendiam grupos de 50 crianças a cada dia. Aproximadamente 300 crianças de cidades parceiras, localizadas na mesorregião sudeste paranaense, se beneficiaram desta modalidade, uma vez que não teriam condições ou meios de transporte para frequentar as oficinas permanentes (UNICENTRO, 2021).

Foram trabalhadas as seguintes técnicas circenses: malabares, acrobacias aéreas em tecido e trapézio, acrobacias de solo coletivas e individuais, jogos cênicos e teatrais. Acadêmicos, bolsistas e voluntários participaram como monitores das oficinas. Eles foram responsáveis pela organização das crianças, além de ministrar as atividades do dia, integrando experiências docentes ao conhecimento trabalhado em aula.

Para viabilizar o atendimento a tantas crianças ao mesmo tempo, as oficinas ocorriam em uma dinâmica de circuito. Inicialmente, os participantes eram divididos em grupos. As atividades eram organizadas em estações (três, quatro ou até cinco estações, com duração de 15–20 minutos em cada estação nas oficinas permanentes, e 30 minutos nas oficinas isoladas), variando conforme o número de participantes do dia. Em cada estação, ficavam dois ou três monitores, os quais eram responsáveis por coordenar as atividades, e os grupos circulavam por todas as estações do dia (UNICENTRO, 2021).

O método pedagógico desenvolvido no projeto de extensão Circo em Contextos é pautado nas ideias de experimentação e segurança. Foram fornecidas orientações criteriosas para todas as crianças, ressaltando aspectos sobre sua segurança e de seus colegas. Essas questões foram fundamentais, principalmente nos equipamentos aéreos e naqueles que envolviam o contato com o colega (BORTOLETO, 2008; 2010). Várias atividades eram realizadas em duplas ou trios; desta forma, as crianças poderiam experimentar os movimentos e, também, reconhecer os limites de si e do outro. Para além das orientações de cuidado e segurança, as crianças recebiam espaço para se manifestar, interagir, trazer novos elementos e até propor novas formas de realizar os movimentos e tarefas. O desafio era estimular as crianças a descobrir formas individuais de realizar os movimentos (LIRA; KRONBAUER, 2022).

As oficinas aconteceram no Pavilhão Didático da UNICENTRO. Nas oficinas permanentes, a participação era gratuita para crianças que estudavam em escolas públicas; cobrava-se uma mensalidade simbólica (R\$ 20,00) para estudantes de escolas privadas, para auxiliar nas despesas de manutenção dos equipamentos e compra de materiais. Entre equipamentos que a universidade dispunha, algumas doações e aqueles adquiridos com recursos de projetos (financiamento USF/SETI/PR e mensalidades), o espaço da

dança, do circo e da ginástica contava com: um tatame de 40m², peças de tatame menores, nove colchões tipo *Sarneige*, quatro colchões gordos de segurança, um minitrampolim de ginástica artística, um plinto, quatro trapézios, uma lira, quatro tecidos circenses, duas cordas navais (uma pendurada e outra para atividades no chão), traves de equilíbrio (alta e baixa), bancos, 21 colchonetes, cinco minitrampolins de ginástica de academia, diabolôs, bolas de malabarismo de lançamento e de contato, além de materiais diversos, como tecidos, tintas, latas, cordas, bexigas coloridas, entre outros.

No período de realização da pesquisa, o projeto contava com uma professora de Educação Física, bolsista (USF/SETI/PR), cinco estudantes bolsistas (USF/SETI/PR), uma estudante bolsista (Fundação Araucária) e seis estudantes voluntários, dos cursos de Educação Física, Fonoaudiologia e História, além da professora coordenadora, do Departamento de Educação Física da UNICENTRO. Além disso, algumas atividades foram ministradas por estudantes da disciplina de Práticas Corporais Expressivas, do curso de Educação Física.

Circo em contextos e os corpos-criança

Buscaremos, neste tópico, retomar alguns aspectos tratados em outro estudo (LIRA; KRONBAUER, 2022) e que se fazem presentes nos relatos dos monitores do projeto. Utilizamos os corpos-criança (SANTOS; LIRA, 2020) para denominar os corpos alegres, curiosos, audaciosos, libertos dos preconceitos e das coerções que restringem a possibilidade de experimentar corporalmente a vida. Esses corpos-criança agem e interagem com o mundo, colocando-se como sujeitos ativos no processo de aprendizagem e construção de existências diversas (VIGOTSKI, 2001, 2007). Como professores de Educação Física, acreditamos que reconhecer as singularidades do ensino das crianças é um conhecimento indispensável à docência. As contribuições do projeto de extensão, nesse aspecto, foram mencionadas pelos entrevistados e, por isso, constituíram a categoria “corpos-criança” como aquela que congrega os aprendizados sobre a infância.

Em importante diagnóstico de instituições públicas de educação infantil no município de Guarapuava, o trabalho de Santos e Lira (2020) reafirmou o que muitos outros pesquisadores já identificaram: como são reduzidos os espaços e os momentos em que as crianças têm acesso ao movimento! Aqueles corpinhos são, desde cedo, condicionados para a imobilidade, o silêncio, a ordem, bem como lhes são tolhidas as resistências criativas que insistem em escapar. Ainda que tais resultados correspondam a um contexto específico, sabemos que essa não é uma realidade isolada.

Por isso, ao dialogarmos com os princípios da extensão universitária, acreditamos que proporcionar experiências corporais diversificadas para crianças é uma forma de atender a uma importante demanda social. Conforme afirmam Strazzacappa (2001), Soares e Madureira (2005), toda educação é uma educação do corpo, e toda arte é uma experiência humana encarnada. Assim, acreditamos que as oficinas de práticas corporais circenses se tornam um espaço de aprender, expressar e viver corporalmente. Isso se dá, não somente por se tratar de técnicas corporais⁴ diferentes da maioria daquelas com as quais as crianças estão acostumadas, mas também pelo imaginário que se constrói sobre tornar possível o impossível, sobre descobrir as potencialidades de seus corpos e de si mesmas.

4 Marcel Mauss (2003), na década de 1930, definiu as técnicas corporais como as formas com que os seres humanos, em diferentes sociedades, fazem usos de seus corpos, destacando as dimensões coletiva, social e psicológica do movimento, para além das explicações pautadas na biologia.

A pedagogia do circo na EF oferece uma lógica criativa para explorar o corpo e o movimento, que integra expressão artística à descoberta da capacidade e habilidade física. Ou seja, o circo busca descobrir formas “extraordinárias” de se mover e pôr o corpo, suas capacidades e habilidades como protagonistas da poética no palco (TUCUNDUVA; BORTOLETO, 2019, p. 2).

Pereira e Maheirie (2011) propõem que a experiência com as práticas corporais circenses está para além do aprendizado das técnicas. Nesse espaço, a criança (ou adulto) se constrói como um sujeito que tem sua existência materializada no corpo, mediando as interações com o mundo, comunicando a todo momento, como as monitoras do Circo em Contextos relatam:

Por meio do corpo que ela (a criança) vai entrar em contato com novas possibilidades de movimento, ela vai estar interagindo com as outras crianças e assim elas vão reconhecendo a cultura [...] a cultura que tá ao seu redor (Andrea).

Foi um projeto muito enriquecedor para todos que participaram e principalmente para as crianças porque elas puderam ver as possibilidades que o corpo delas consegue realizar além de uma sala de aula, além daquele corpo da sala de aula que precisa ficar quietinho, precisa se comportar, que precisa escutar [...] e eles tinham muita liberdade, foi uma coisa que eu digo que foi um divisor de águas na minha vida profissional (Letícia).

Além de proporcionar espaços para os sujeitos se (re)definirem, os monitores relataram a questão social envolvida. Sabemos que cada família tem uma dinâmica social distinta, condicionada, entre outros elementos, pela cultura, pela condição econômica e pelas histórias de vida. Algumas crianças não tinham irmãos ou outras crianças em seu círculo familiar. Algumas crianças conviviam socialmente em círculos restritos. Ao se depararem com uma grande diversidade de crianças, era preciso estabelecer relações com um outro diferente e encontrar espaços para a construção de novos vínculos.

[...] nas relações que o sujeito estabelece, o corpo é visto pelo outro e, ao ser visto, é significado pelo outro e (re)significado pelo próprio sujeito, que então (re)define-se enquanto tal. O corpo se constitui como afetado pelos encontros e desencontros com outros corpos (PEREIRA; MAHEIRIE, 2011, p. 108).

Podemos inferir que as práticas corporais circenses, pautadas na experimentação e segurança, subsidiam também a formação cultural dos indivíduos. Muitas atividades eram realizadas em grupos e demandavam que as crianças criassem estratégias e cuidassem umas das outras, sob o olhar atento dos monitores. Ou seja, não era possível executar certas técnicas sem o apoio dos colegas e, ao mesmo tempo, para executá-las era necessário criar adaptações que contemplassem as singularidades de cada participante. Assim, eram estimuladas a reconhecer e externalizar seus limites, ao mesmo tempo em que aprendiam a respeitar os limites do outro, bem como participar coletivamente das propostas.

Os pais falam que muitos deles moram em apartamento, em casas que não tem espaço, então eles falam “ah como é bom trazer as crianças aqui, elas sentem falta porque elas ficam trancadas em casa e não tem oportunidade de correr interagir com outras crianças” Isso é outra característica semelhante em que os pais conversavam com a gente [...] que a gente via que é a necessidade de se relacionar com outras crianças, com crianças de outras escolas, mudavam um pouco criavam círculo de amizade e relacionamento das crianças (Caio).

A gente via muitos fatores de colaboração no projeto como, por exemplo, ajudar o colega, respeitar o colega, tentar ensinar o colega (Caio).

A gente via que existia certa competitividade, mas também aquele sentimento de ajuda, para “ganhar” a brincadeira. E que era um dos pontos altos também do projeto, no meu ver, este sentimento de companheirismo, de ajuda (Nicandro).

Outro aspecto que merece destaque no trabalho com as práticas corporais circenses diz respeito às formas de se relacionar com o corpo. Conforme comentamos anteriormente, as crianças aprendem desde cedo a calar seu corpo, em atenção ao seu intelecto (SANTOS; LIRA, 2021).

Os processos educativos tradicionais distorcem no entendimento do ser humano como um ser único, indivisível, como se fosse possível e desejável uma mente sem as distrações da sensibilidade, um intelecto livre e independente do corpo. A cisão corpo-mente torna viável o estabelecimento de uma relação de hierarquia, em que o corpo se conecta aos sentimentos inferiores e terrenos, e a mente expressa a superioridade do espírito e da razão. Durante muito tempo, e até os dias de hoje, esse pensamento permeia a educação e encontra terreno fértil em uma sociedade tomada pelo valor produtivo do conhecimento (STRAZZACAPPA, 2001; KASPER, 2004).

Diferentemente, os corpos circenses constroem-se entre o sublime e o grotesco, no inacabado, no imprevisível. “A matriz do circo é o corpo, ora sublime, ora grotesco. O corpo não é uma coisa, mas um organismo vivo que desafia seus próprios limites” (BOLOGNESI, 2001, p. 103). Despendem energia para fruir a vida.

O palhaço, por exemplo, tem sua arte edificada sobre o erro, as fragilidades humanas, aquilo que desejamos esconder (KASPER, 2004). Ele possui pés grandes, tropeça ao caminhar, se atrapalha com os gestos, derruba objetos, tem medo, faz graça com a prepotência e com a vaidade. “Esse corpo, ao contrário do acrobata, não é perfeito e acabado, o que conduziria à sublimidade. O corpo do trabalho é disforme, permeado de trejeitos e busca a ênfase no ridículo, pela exploração dos limites, deficiências e aberrações” (BOLOGNESI, 2001, p. 110).

Já o acrobata, equilibrista, contorcionista, desafia as forças da natureza. Na sublimidade do acrobata, o risco à integridade corporal não é somente uma encenação. Na verdade, ele encena seu próprio corpo, que torna possível o impossível.

No espetáculo circense, o fogo não queima; no trapézio, o homem voa; o aramista vence distâncias equilibrando-se sobre um fio; o equilibrista fica suspenso sobre objetos inusitados, que no dia-a-dia não se prestam a esse fim; os animais selvagens são dóceis etc. No caso dos acrobatas, a emoção da queda fatal é posta por inteira [...] O corpo que vivencia tal situação é um corpo sublime que não se diferencia entre a vida e o espetáculo e que, nas alturas, desafia as leis da física (BOLOGNESI, 2001, p. 105).

Essa dinamicidade dos corpos circenses — que assombra, encanta e diverte — transfere à criança a permissibilidade de se descobrir corporalmente, entre potencialidades e limitações. A partir da experimentação das práticas corporais circenses, sua existência, materializada no corpo, é uma tela em branco que acolhe as mais diversas formas de ser gente. Esta perspectiva coaduna com a teoria histórico-cultural, que afirma a necessidade do brincar e das experiências corporais nos processos de simbolização que permitem às crianças elaborarem conceitos cada vez mais complexos (VIGOTSKI, 2007). Sendo o corpo a materialização dos sujeitos, a sensibilidade aos estímulos concretos, “sentidos na pele”, associada ao mundo fantasioso do circo, apresenta-se como um ambiente rico para seu desenvolvimento. Por exemplo: quando está no trapézio, a criança se imagina voando, mas aprende que precisa usar seu corpo de alguma forma para se fixar ao equipamento, ou seja, ela aprende a associar a concretude de sua limitação (ela não pode voar) com a potência criadora de sua imaginação (seu corpo, simbolicamente, está voando).

Marcela nas primeiras aulas tinha grande dificuldade de realizar os movimentos e atividades

propostas, principalmente pelo seu peso. Demonstrava se sentir triste com isso e até um pouco de vergonha. Porém no decorrer das oficinas, começou a se dedicar, acho que entendeu que isso poderia ajudar ela em seu dia a dia. Foi uma das participantes que mais aprendeu e evoluiu com a prática do circo. Nas últimas aulas ela já conseguia fazer tudo e sempre se sentia “muuuito” feliz em saber que antes era impossível e agora não mais (Alex).

O relato de Alex nos instiga a pensar sobre a importância de promovermos espaços que estimulem os pequenos a se reconhecerem e desvendarem suas potencialidades, para além da competição ou da comparação com o outro. Ao que nos parece, as práticas realizadas no projeto possibilitaram uma nova forma de Marcela se relacionar e ser corpo no mundo, refletindo e acolhendo suas emoções e sentimentos.

Ainda se tratando das diferentes dinâmicas sociais, em diversos momentos os monitores traziam à tona o relato dos pais das crianças. E mais uma vez, observamos a relevância do projeto para a comunidade:

Tem muitos pais que eu encontro hoje, né? Perguntando se vai ter o projeto de circo, quando volta, se eu ia dar aula para eles de novo [...] então é uma coisa que a gente acaba percebendo que faz muita diferença na vida dessas crianças e claro o reconhecimento, porque a gente deu o nosso melhor então esse feedback é muito legal (Letícia).

Assim, entendemos o surgimento da extensão nas IES brasileiras como meio para “superar a dicotomia existente entre a produção e a socialização do conhecimento” (LEONÍDEO, 2017, p. 41), representando os compromissos sociais das instituições. Quando os pais (comunidade) compreendem os benefícios da participação de seus filhos no projeto, observam mudanças, começam a fazer questão de participar ativamente, efetiva-se a dialogicidade do conhecimento.

Circo em contextos — espaço de ensinar e aprender

As Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira elencam aspectos que estruturam sua concepção e sua prática. Entre eles está a ênfase à formação integral dos estudantes; a implicação da universidade, por meio das ações desenvolvidas, em produzir e difundir conhecimento socialmente relevante no enfrentamento a problemas em diálogo com a realidade; e a reflexão ética sobre a dimensão social dos conhecimentos produzidos e dos serviços ofertados (BRASIL, 2018).

Nesse processo, a participação de estudantes é fundamental para a efetivação das ações extensionistas. Ao mesmo tempo, a atuação em projetos de extensão contribui para o participante ampliar suas experiências formativas e possibilita maior diálogo entre os conhecimentos e a realidade social.

Ao tratarmos do objeto específico desta pesquisa, a formação para o trabalho pedagógico com as práticas corporais circenses, podemos inferir que a extensão universitária se constitui como um espaço privilegiado para tal finalidade. Mesmo com relações de encontros e afastamentos — que datam do século XIX — entre o Circo e a Educação Física, a abordagem de temas circenses na formação de professores da área é ainda incipiente. Poucas são as instituições de ensino superior que possuem um espaço específico na organização curricular para tratar dos conteúdos de tal natureza (TUCUNDUVA; BORTOLETO, 2019), e algumas propostas pedagógicas em desenvolvimento ainda demandam sistematização acadêmica rigorosa e democratização das experiências (MIRANDA; BORTOLETO, 2018).

Assim, para além de praticar as orientações pedagógicas já existentes, os monitores que atuaram no projeto Circo em Contextos, no ano de 2019, tiveram a oportunidade de descobrir outras formas de ensinar

circo, produzir conhecimento e desenvolver suas habilidades interpessoais. Por isso, a categoria “ensinar e aprender” reúne aspectos apontados pelos entrevistados no que se refere ao seu papel no processo de ensinar circo e, ao mesmo tempo, aprender a ensinar circo. Os relatos ilustram diversos aprendizados que o exercício da docência lhes proporcionou.

Eu tive facilidade maior de interagir com as crianças. Eu tenho uma facilidade, não por conta da escola (estágio na educação infantil), mas por conta da minha família. Então sempre me relacionei muito com as crianças e adorava brincar com elas. Dar importância para o papo da criança. [...] mas... a dificuldade que eu tive foi com as crianças mais introvertidas, né? Aquelas que não gostam muito de falar, que são tímidas, que são tímidas até para fazer uma atividade ou movimento. [...] A forma que eu encontrava de lidar com essa dificuldade era o ponto de me colocar de igual para igual para criança, bem devagar, aos poucos, entendendo o lado dela e ganhando a confiança. [...] Percebi quando ganha a confiança da criança, a comunicação fica bem mais fácil (Caio).

Esse relato aponta para uma dificuldade do monitor Caio em se relacionar com crianças um pouco mais tímidas. Neste caso, considerar a timidez e respeitá-la como integrante da personalidade daquela criança parece ter se mostrado uma estratégia importante. Tal atitude, em vez de constrangê-la, exigindo que ela se comportasse como as demais crianças, sugere que o monitor aprendeu a dar-lhe espaço e esperar o tempo dela. Ao perceberem suas singularidades prezadas por um adulto de referência (o monitor), observamos que as crianças passaram a sentir maior confiança em si mesmas. Quando o monitor se descola de uma posição autoritária e acolhe a criança como uma “igual”, estabelecem-se vínculos, sobretudo de confiança, que tendem a estreitar a dinâmica aluno-professor, facilitando a troca, a comunicação e o aprendizado. Nós, seres humanos, compartilhamos, aprendemos e imitamos o outro, sendo na interação, que as relações dialógicas se estabelecem (VIGOTSKI, 2007).

Ainda, é importante destacar que o circo é um espaço de diversidade. O palhaço se constrói no erro: ele expressa corporalmente as fragilidades humanas, aquilo que desejamos esconder, e transforma no seu campo de ação. Por outro lado, o acrobata depende grande energia para produzir “somente” encantamento, um corpo sublime que não se dobra às necessidades produtivas, conforme advogam Lira e Kronbauer:

Cabe também registrar, de início, nossa compreensão de que a arte e todos os processos artísticos podem representar a oportunidade de alimentar o pensar e o fazer divergente, ou seja, desde que não se resumam a cópias, imitações, produções iguais e convergentes, mas sim acolham e oportunizem a diversidade, a criação, sendo avessos ao convencional (LIRA; KRONBAUER, 2022, p. 5).

No projeto Circo em Contextos, os monitores tinham a oportunidade de experimentar a docência das práticas corporais circenses, além de construírem uma gama de habilidades necessárias à sua atuação profissional. Participavam do processo de elaboração das atividades, ministravam as oficinas, avaliavam, adaptavam e reelaboravam estratégias para potencializar o aprendizado das crianças.

Fazemos um adendo para ressaltar que consideramos a infância um período em que os pequenos espalham curiosidade, necessitam interagir, experimentar, descobrir novas possibilidades, sensações e movimentos. Da mesma forma, compreendemos a existência de diferentes infâncias, devido às diversidades culturais, sociais, políticas, geográficas e econômicas em que elas estão impostas. Concebemos o desenvolvimento infantil como um processo dinâmico. Nessa perspectiva, analisemos o relato da monitora Letícia:

Aline tinha 6 ou 7 anos e ela foi fazer uma atividade de malabares. E aí eu fui ensinando eles [...] as

coisas simples, como segurar a bolinha, jogar para cima [...] e ela não conseguia fazer. Geralmente essa atividade a gente faz em círculo para que todos pudessem enxergar uns aos outros. E eu vi que a reação dela foi de que, assim, que ela não conseguia fazer. [...] a mãe dela que tava assistindo, ela contou que ela [Aline] não consegue fazer aquele exercício. E aí eu falei “eu não sei se ela não consegue, mas talvez no meio de todos ela não consiga fazer mesmo” e aí eu dei uma bolinha para ela [Aline] e falei: “ó, aí você leva para casa e na próxima aula você traz e me devolve, mas eu quero que você fique treinando em casa com a bolinha”. E aí na outra semana ela chegou dando risada já, assim que ela me viu, me abraçou e veio “faceirinha” contando que tinha treinado bastante em casa e que tinha conseguido fazer. Então foi a forma que eu senti que ela usou a expressão corporal, talvez estivesse com vergonha de falar na frente dos amiguinhos que não conseguia, mas eu tive a sensibilidade de observar essa questão nela e em outros também, fazendo aquela carinha tímida de “não estou conseguindo”. E ao mesmo tempo eu vi na semana seguinte o quanto aquilo foi realizado para ela através da expressão corporal de alegria. A partir disso, toda aula ela sorria e vinha me abraçar [...] E a gente vê que são pequenos gestos, pequenas coisas que fazem diferença (Letícia).

Esse relato nos sensibiliza a olhar e compreender as diferentes infâncias, as diferentes necessidades, a valorização individual, o estreitamento da relação professor-aluno; destacando, assim, a relevância do projeto para a pequena Aline, ao influenciar positivamente na forma em que ela e os demais participantes se veem no mundo.

Cabe enfatizar os aprendizados que podem ser encontrados na fala de Letícia: a sensibilidade e o olhar atento para a criança, a leitura de formas de comunicação não verbais que possibilitam identificar suas dificuldades, a criatividade em elaborar estratégias pedagógicas que atendam às características singulares daquela criança.

Na dinâmica das oficinas, as crianças eram elementos ativos no processo. Em muitos relatos, encontramos referências às relações horizontais que se estabeleciam entre os monitores e as crianças. A nosso ver, este é um dos principais desafios da formação para a docência. Entre o ensino autoritário — que coloca o “aprendente” numa condição de objeto que recebe do “ensinante” a informação — e a aprendizagem plenamente autônoma, há um vasto campo de entendimentos sobre a relação entre professor e aluno.

Alguns monitores tinham uma certa facilidade, uma certa experiência de lidar com as crianças. E aqui o que me chama bastante atenção é que os monitores que tinham mais facilidade eram os monitores que tratavam as crianças de igual para igual. Eles não se colocavam como criança, né? Conversando como se fosse uma criança (risos), mas eles... eles conversam de igual para igual, tratando a criança e dando uma importância para criança se sentir como adulto (Caio).

Elas [as crianças] tinham disposição em fazer as atividades e isto deixava as oficinas bem alegres, claro, as crianças querendo fazer aquilo que o professor ensinava, querendo aprender. O uso da palavra “professor” para os acadêmicos mostra um pouco mais da relação estrita que formamos com aquelas crianças. Até tinha um distanciamento de “educação”, percebo isto, mas havia um “achegamento” muito afetivo entre o aluno e professor (Nicandro).

Nesse caso, os monitores reconhecem-se como detentores de um saber, que as crianças ainda não possuem, e entendem o papel ocupado por eles no imaginário delas, quando estas os denominam “professores”. Ao mesmo tempo, reconhecem a disposição desse público em aprender um elemento fundamental para o processo. A criança como sujeito ativo: que age, busca, experimenta, questiona distante da posição passiva como receptora de informações, bem como pontuaria Vigotski (2001, 2007).

Merece também evidência o fato de que ocupar papéis diferentes no processo educativo não significa

estabelecer hierarquias. Quando nos referimos às relações horizontais, “olho no olho”, “de igual para igual”, com certo “achegamento”, queremos dizer que diferentes papéis não implicam, necessariamente, relações de poder de um sobre o outro.

A monitora Júlia explica: “quando precisávamos chamar a atenção dos participantes, tentávamos manter a mesma altura (se abaixando) para eles não se sentirem intimidados”. No projeto, os monitores buscavam compreender as singularidades de cada criança: algumas mais tímidas, outras mais extrovertidas. Assim, para além do aprendizado em relação ao ensino das práticas corporais circenses, muitos encontros e afetos foram proporcionados pelo projeto. Em se tratando dos monitores, vários foram os relatos sobre suas trajetórias marcadas pela sensibilidade que o projeto despertou:

As crianças [...] elas têm um dom de encantar os outros. Falando por mim, eu me encantei com as crianças de uma forma [...] por esse lado afetivo, sabe? de chegar e abraçar a gente [...] então dava meio que uma renovada quando a gente via elas chegando naquele pavilhão e correndo já indo te abraçar, beijar [...] que saudade disso (risos). (Letícia).

No começo do projeto, conversando, tentando falar para o Leó esperar a fila, ele me deu meio que uma cotovelada. Tinha meio que me agredido. Eu fiquei quieto, fiquei triste, meio chateado com aquilo. Mas a gente entendia que ele era uma criança mais agitada que as outras. Aí no final do ano, na última aula, no fechamento em que os pais foram [...]. Então Léo veio me abraçar (risos) - não sei se a professora viu - mas o Léo veio me abraçar e me abraçou antes de ir embora. Abraçou e começou a chorar (risos). Apoiou a cabeça em mim, na minha camisa, me abraçou forte e começou a chorar, chorar, chorar, chorar e não queria me soltar e [...] foram dois momentos assim... bem, bem diferentes. No começo do ano quando ele me bateu, não querendo me “respeitar” e no final do ano me abraçou e chorou. Minha camisa ficou toda molhada. Ele chorou de soluçar (risos), né? (Caio).

Na interação com o outro, os laços que se estabelecem, os vínculos que se criam, as relações que se transformam. O olhar atento, o cuidado com as pequenas coisas (para as crianças, podem não ser pequenas coisas), a sensibilidade, a afetividade. Ao acompanhar um grupo de artistas durante o processo de construção do Clown, Kátia Kasper (2004) discute a relação de afeto que se constrói entre o artista e o público. Segundo a autora, o corpo clownesco é um corpo aberto, disponível, com capacidade de afetar e ser afetado. Da mesma forma, para que a experiência artística se efetive, o público precisa estar disponível ao afeto.

Ao aproximarmos esse conceito da docência, podemos inferir que o processo educativo se constitui na disponibilidade a sermos mutuamente afetados pelo conhecimento. O professor, assim como Clown, tem em seu corpo a materialidade da conexão com o outro: um corpo disponível para aprender e ensinar, afetar o outro e por ele ser afetado. O jogo do palhaço se dá com o outro, em saberes que se constroem pelo contágio. Quando o professor se coloca em uma posição de superioridade em relação ao aluno, ele se indispõe das trocas de afeto e, conseqüentemente, encerra a relação de reciprocidade. A resposta mais coerente, nessa circunstância, será um aluno também indisposto.

Isso não significa que as práticas circenses aconteçam de forma desregrada, sem orientação ou cuidado; neste caso, por parte dos monitores em relação às crianças. Os princípios de experimentação e segurança estavam presentes, pois, conforme discutimos anteriormente, no circo o risco é real (BOLOGNESI, 2001). Por isso, havia sempre monitores atentos, principalmente às acrobacias. O estabelecimento de laços de confiança foi fundamental para que as crianças desenvolvessem autoconfiança e se sentissem seguras durante as práticas.

Mariah tinha medo de altura. Quando ela finalmente subia, ela fechava o olho, começava a tremer ou olhava para nós e dava para ver que ela tava com medo. Mas assim, comigo eu dizia que ela podia confiar porque eu estava pronta para segurá-la. Não só eu, mas outros monitores que estavam por ali. Sempre tinha duas pessoas na estação (Andrea).

Olho no olho é muito importante, no meu entendimento, porque é por onde se transmite confiança [...] A gente se importa muito com as diferenças, respeitar as diferenças (Caio).

Por muito tempo, a criança foi considerada um vir a ser, como se a infância não lhe permitisse o *status* de pessoa. Percebemos que as relações construídas no Circo em Contextos, entre monitores e crianças, estão para além do respeito das diferenças. Constituem-se vínculos de reconhecimento das crianças como seres humanos, como sujeitos que têm necessidades e direitos, valorizando sua liberdade de expressão e sua corporeidade, proporcionando espaço para serem crianças.

Enquanto isso, para os monitores, suas trajetórias seguem sendo marcadas pelas experiências obtidas durante o projeto. A dinâmica com as crianças, o exercício da pedagogia, o planejamento de aulas, o manejo de frustrações e sentimentos decorrentes de conflitos e incidentes, a assimilação da teoria-prática, noções de trabalho em equipe, entre tantas outras vivências.

Considerações finais

Presenciamos um período de transformação das IES públicas que, ao longo do tempo, buscam se adequar às demandas sociais. Sob olhares críticos, em um cenário de deslegitimação do conhecimento acadêmico-científico e descrédito em relação à importância das universidades para o desenvolvimento de uma nação democrática, justa e soberana, torna-se cada vez mais necessária a reaproximação com a comunidade. Assim, as práticas extensionistas, por estarem atreladas à realidade social de cada região, são essencialmente singulares e particulares. Acreditamos que, ao compartilhar reflexões decorrentes delas, podemos fomentar ações e instigar estudos que discutam o impacto da extensão na formação universitária e seus benefícios perante a sociedade. A universidade produz conhecimento e socializa-os através das ações extensionistas e dos serviços prestados à população. Realiza estudos a partir delas e, conseqüentemente, se forma uma engrenagem, um ciclo de produção e democratização de saberes, campo fértil para o desenvolvimento da sociedade.

Assim, buscamos com esta pesquisa analisar as contribuições de um projeto de extensão na formação de estudantes de graduação que atuaram como monitores de oficinas de práticas corporais circenses. Entre outros aspectos, as contribuições relatadas pelos entrevistados dizem respeito a: 1) aprenderem sobre as singularidades da infância e dos “corpos-criança”; 2) reconhecerem a extensão como espaço em que podem ensinar e aprender, por meio de experiências com a docência, com as quais fomentam o aprimoramento de estratégias pedagógicas, ou seja, enquanto ensinam, aprendem a ensinar.

Escolhemos encerrar este texto com a fala do monitor Caio, pois acreditamos que ela sintetiza grande parte do alcance do Circo em Contextos: as crianças aprenderam, o monitor aprendeu, a comunidade aprendeu, as experiências do projeto contribuíram para a formação de profissionais qualificados, de seres humanos sensíveis, e para ampliar a compreensão e o respeito às diversidades.

Desculpa eu falar tanto assim das crianças é porque realmente fez a diferença para elas. Eu vi, mas fez diferença para mim também como futuro Professor. E claro, como ser humano, né? Em ver

como é possível a gente melhorar a vida das pessoas simplesmente respeitando as dificuldades e entendendo o que elas precisam (Caio).

Esperamos que, assim como o Circo em Contextos, outros projetos venham a compartilhar suas narrativas. Adicionalmente, enfatizamos a importância de ações que estimulem a permanência dos estudantes no ensino superior, com destaque para o incremento nas formas de financiamento público para as atividades extensionistas. Temos percebido que a relação com a prática, bem como o diálogo com as comunidades são fatores que motivam os estudantes, que encontram nas ações extensionistas possibilidades concretas de aplicação e aperfeiçoamento dos conhecimentos aprendidos em sala de aula. No entanto, muitos acabam desistindo por dificuldades de ordem financeira. Tais dificuldades poderiam ser solucionadas com recursos para bolsas de estudos e melhoria das condições materiais dos projetos, o que alargaria sua abrangência. Nesse sentido, compartilhar conhecimentos produzidos pela extensão consolida a sua importância como elemento indissociável da pesquisa e do ensino na formação acadêmica e como espaço de democratização do conhecimento acadêmico-científico atrelado à realidade social.

Este estudo evidenciou o potencial que um projeto de extensão pode ter, impactando na formação pessoal e acadêmica dos monitores, bem como na qualidade de vida da comunidade envolvida. Ao que nos parece, as trajetórias dos acadêmicos são atravessadas pelas experiências sociais contidas em cada atividade; neste caso, de extensão. As motivações pessoais, aliadas aos interesses extracurriculares, proporcionam uma relação de benefício mútuo entre agentes universitários e não universitários.

Referências

- BOLOGNESI, M. F. O corpo como princípio. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 24, p. 101–112, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/trans/a/LQYchD3VKm6gSx74MCWjNBy/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 10 out. 2022.
- BORTOLETO, M. A. C. (org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses** (vol. 1). Jundiaí, SP: Fontoura, 2008.
- BORTOLETO, M. A. C. (org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses** (vol. 2). Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular — Educação é a Base. Brasília, DF: MEC, 2018a.
- COELHO, G. C. O papel pedagógico da extensão universitária. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 13, n. 2, p. 11–24, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/26682>>. Acesso em: 14 out. 2022.
- FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária. **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras**. Manaus, 2012. Disponível em: <http://www.proexc.ufu.br/sites/proexc.ufu.br/files/media/document//Politica_Nacional_de_Extensao_Universitaria_-FORPROEX-_2012.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2023.
- GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

KASPER, K. M. Experimentações clownescas: os palhaços e a criação de possibilidades de vida. 2004. **Tese** (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2004. Disponível em: <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/725>>. Acesso em: 15 out. 2022.

KRONBAUER, G. A. O processo de criação da Escola Nacional de Circo no Brasil e a continuidade dos modos de vida dentro e fora da lona. 2016. **Tese** (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG, 2016. Disponível em: <<https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/1227/1/Glaucia%20A%20Krobauer.pdf>>.

LEONIDIO, L. F. S. História do fórum de pró-reitores de extensão das instituições públicas de educação superior brasileiras — FORPROEX (1987–2012). **Tese** (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25316>>. Acesso em: 4 out. 2022.

LIRA, A. M.; KRONBAUER, G. A. O circo e a educação dos corpos-criança: possibilidades formativas com espaço para o pensar e o fazer divergente. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 25, p. 1–21, 2022. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/17556>>. Acesso em 25 ago. 2023.

MIRANDA, R. C. F.; BORTOLETO, M. A. C. O circo na formação inicial em educação física: um relato autoetnográfico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, n. 40, v. 1, p. 39–45, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbce/a/MRQ6kxTSRXZDZpdD4vKnmWD/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 25 ago. 2023.

ONTAÑÓN, T.; SANTOS RODRIGUES, G.; SPOLAOR, G. C.; BORTOLETO, M. A. O papel da extensão universitária para a formação acadêmica sobre as atividades circenses. **Pensar a Prática**, v. 19, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/35857>>. Acesso em 25 ago. 2023.

PEREIRA, E. R.; MAHEIRIE, K. O aprender circense como experiência de ser. **Psic. da Ed.** São Paulo, 33, p. 135–151. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752011000200008>. Acesso em: 29 set. 2022.

SANTOS, A. C. R. F. dos; LIRA, A. C. M. Disciplinar e constranger: o corpo-criança e seu (não)lugar nas instituições educativas. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 45, n. 3, p. 906–922, set/dez. 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/64193>>. Acesso em: 11 out. 2022.

SANTOS RODRIGUES, G.; ONTAÑÓN, T. O.; BORTOLETO, M. A. C.; PRODÓCIMO, E. A extensão universitária e as atividades circenses: notas sobre um encontro formativo. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 28, n. 2, p. 1–15, 2020. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/10584>>. Acesso em 25 ago. 2023.

SILVA, F. L. Universidade: a ideia e a história. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 20, n. 56, p. 191–202, abr. 2006. FapUNIFESP. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10129>>. Acesso: 28 jun. 2022.

SOARES, C. L.; MADUREIRA, J. R. Educação Física, linguagem e arte: possibilidades de um diálogo poético do corpo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 75–88, 2005. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2869>>. Acesso em: 13 out. 2022.

STRAZZACAPPA, M. A Educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cad. Cedes**, Campinas, ano XXI, n. 53, p. 69–83, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/jG6yTFZZPTB63fMDKbsmKKv/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 18 out. 2022.

TREVIZAN, M; CHAGAS, P. I; KRONBAUER, G. A. Circo em Contextos — Diálogos entre a cultura e a extensão universitária. **Revista Conexão UEPG**, v. 14, n. 1, p. 130–139, 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/5141/514161159017/514161159017.pdf>>. Acesso em: 7 maio 2022.

TUCUNDUVA, B. B. P; BORTOLETO, M. A. C. O circo e a inovação curricular na formação de professores de Educação Física no Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, p. 1–14, 2019. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/88131>>. Acesso em: 19 out. 2022.

UNICENTRO. Circo em Contextos (2019–2021). Relatório Final de Projeto de Extensão. Departamento de Educação Física, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unidade Universitária de Irati. UNICENTRO, 2021.

UNICENTRO. Missão, visão e valores. Disponível em: <<https://www3.unicentro.br/sobre/missao-visao-e-valores/>>. Acesso em: 12 out. 2022.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Ed. Martins Fontes, 2007, 4. ed. 244 p.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. Versão para eBook. Edição Ridendo Castigat Mores, 2001. Disponível em: <<https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/vigo.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2022.

Submetido em: 10/10/2022.

Aceito em: 10/05/2023.